

# TUPINICÓPOLIS E UMA ANÁLISE ALEGÓRICA DA GÊNESE, CONSTRUÇÃO E CONSOLIDAÇÃO DA SOCIEDADE URBANA

Rodrigo dos Santos BORGES<sup>1</sup>

## RESUMO

Concebendo que a relação entre obras ficcionais e a análise científica tem aberto um campo vasto de contribuições para melhor compreensão dos fenômenos e processos sociais espacializados, pretendemos, a partir da construção de um ensaio crítico, apresentar as conexões possíveis entre a obra carnavalesca Tupinicópolis, desenvolvida pelo carnavalesco Fernando Pinto, e a consolidação da chamada sociedade urbana, conforme pensada pelo filósofo Henry Lefebvre. Esperamos apontar elementos que corroborem a tese de que os referenciais literários e artísticos alegóricos, ainda que se proponham a pensar sobre o futuro, como no caso da cidade fictícia carnavalizada, possuem pontos de contato importantes com a realidade de seu tempo, mas que, como se caracterizam pelo descompromisso com o fato e a organização espacial visível, apresentam a vantagem de se constituírem enquanto obras abertas a diversas interpretações, o que revelaria um enorme potencial explicativo para variadas manifestações visíveis e invisibilizadas do cotidiano.

**Palavras-chave:** Alegoria. Tupinicópolis. Sociedade urbana.

---

<sup>1</sup> Professor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro (EBTT)

## TUPINICÓPOLIS AND AN ALLEGORICAL ANALYSIS OF THE GENESIS, CONSTRUCTION AND CONSOLIDATION OF URBAN SOCIETY

### ABSTRACT

Through the realization that the relationship between fictional works and scientific analysis has opened a vast field of contributions for a better understanding of spatialized social phenomena and processes, we intend to construct a critical essay to present the possible connections between the carnival work Tupinicópolis, developed by Fernando Pinto, and the consolidation of so-called urban society, as developed by the philosopher Henry Lefebvre. We hope to point out elements that corroborate the thesis that literary and artistic allegorical references have important points of contact with the reality of its time, even when they propose to think about the future, as in the case of the fictitious carnival city. However, since they are characterized by the disengagement with visible spatial reality and organization, they have the advantage of being works open to various interpretations, revealing an enormous explanatory potential for various visible and invisible manifestations of everyday life.

**Keywords:** Allegory. Tupinicópolis. Urban society.

## 1 INTRODUÇÃO

“E a oca virou taba, a taba virou metrópole, eis aqui a grande Tupinicópolis” (GIBI *et al.*, 1986).

O trabalho de reflexão proposto aqui tem relação direta com a afirmação (já famosa) de Denis Cosgrove (1998), para quem a Geografia está em toda parte, e que, sendo assim, seria possível traçar paralelos entre a realidade e as mais diversas manifestações literárias e artísticas, mesmo aquelas que se assumam como obras de ficção. Entendemos que fazer essas conexões poderia nos auxiliar a compreender, por vezes de forma mais lúdica, o conteúdo de nossa vida cotidiana. Tendo em mente tal hipótese e ancorado na avaliação de Lefebvre (2002, p. 29) de que “cabe ao analista descrever e discernir os tipos de urbanização e dizer no que se tornaram as formas, as funções, as estruturas urbanas transformadas pela explosão da cidade antiga e pela urbanização generalizada”, pretendemos construir um ensaio pautado em uma análise que se relacione com o pensar em como um enredo carnavalesco poderia nos auxiliar a compreender a complexa teia de relações que sustentam a organização espacial urbana contemporânea.

Ao empreender essa jornada, não nos pareceu coerente utilizarmos o formalismo acadêmico rígido para dar conta de analisar a cidade tendo como base uma ordem urbana fundamentada na própria desconstituição das urbes baseadas nas normas oriundas da colonização, afinal, Tupinicópolis se ergueria partindo dos escombros das civilizações passadas e do Brasil velho, aquele que legou aos variados povos indígenas um verdadeiro genocídio.

A forma ensaio como metodologia de apresentação foi escolhida intencional e conscientemente após ser avaliada como a forma mais adequada ao entendimento de um objeto de análise complexo (MENEGUETTI, 2011), que envolve refletir sobre a organização de uma agenda de pesquisa fundamentada na fusão entre a ficção carnavalesca e os marcos teóricos da pesquisa em Geografia Urbana. Os procedimentos mais adequados a essa proposta precisariam afastar-se das tradicionais apresentações de resultados através de um artigo de revisão bibliográfica.

Neste contexto, apresentaremos os marcos dessa pesquisa através de uma forma textual que se aproxima de um ensaio cuja “orientação é dada não pela busca das respostas e afirmações verdadeiras, mas pelas perguntas que orientam os sujeitos para as reflexões mais profundas” (MENEGHETTI, 2011, p. 321). O ensaio pode ser avaliado como uma estrutura textual que contém em suas entranhas o caráter de provisoriedade, de proposta, de algo que não possui a pretensão de

acabamento (PAVIANI, 2009, p. 4). Por conta desse perfil, ele se encaixa perfeitamente em nossa proposta de desenvolver uma reflexão que alie os marcos científicos de análise com reflexões mais profundas e livres, capazes de incorporar a relação entre ficção e realidade como forma de organizar os estudos sobre as cidades.

Apesar do caráter ensaístico do texto, não prescindimos de revisões bibliográficas e documentais para concretizarmos a organização metodológica do trabalho; ainda assim, não serão elas o norte principal de nossa proposta; tais revisões serão o suporte básico para o desenvolvimento de uma arquitetura textual pautada pela maior liberdade para defender determinada posição (SILVEIRA, 1991).

Tomando por base Tupinicópolis, enredo proposto pelo carnavalesco Fernando Pinto (1945-1987) para a escola de samba Mocidade Independente de Padre Miguel, no ano de 1987, buscamos compreender como tal concepção alegórica do mundo urbano (um duplo sentido para relacionar os preceitos filosóficos da expressão aos desfiles de escolas de samba, movimento popular de deu vida a esse lugar), vinculada a um cotidiano em que circulariam indígenas roqueiros, com seus patins e motocicletas japonesas, poderia nos ajudar a perceber elementos relevantes na construção do chamado modo de vida urbano característico desse início de século XXI<sup>2</sup>.

Para consolidar essa proposição, estamos considerando que os signos, representações ou substitutos da realidade concreta possuem grande plasticidade de sentidos e interpretações, que se estendem desde elementos diretos e literais das coisas e fenômenos até a pura invenção, cujo significado, por ser abstrato e subjetivo; perfil característico das construções imaginárias (ou alegóricas); estaria aberto a todo tipo de interpretação, pois os elementos inventados careceriam de códigos de análise padronizados (HAESBAERT, 1997). Tendo em mente essa condição, consideramos que o grande mérito de Tupinicópolis seja justamente seu caráter assumidamente ficcional, pois, segundo seu criador, o carnavalesco Fernando Pinto, a metrópole tupiniquim organizada por ele seria fruto de muita invenção, de coisa que não existe, e o índio viveria em uma situação diferente daquela ao qual se consolidou no projeto moderno de construção do Brasil.

Neste ponto, cabe-nos fazer algumas reflexões críticas acerca da questão indígena e mesmo dos desfiles carnavalescos como expressão cultural e representativa de diversos fenômenos sociais; em tal contexto, consideramos importante lembrar que neste ensaio trabalhamos com a perspectiva

---

<sup>2</sup> Estimativas da Organização das Nações Unidas (2018) apontam que em 2050, 68% da população mundial viverá em áreas urbanas. Tais projeções confirmam uma tendência de disseminação global da urbanização.

de transpor uma discussão inicialmente apresentada em meados dos anos 1980 como forma de analisar o perfil das cidades contemporâneas. Tal lapso temporal faz com que não possamos nos furtar de apresentar algumas mediações importantes para que a proposta aqui apresentada seja efetivamente capaz de promover uma análise pautada por reflexões coerentes com a realidade.

O cuidado mais relevante nos parece ser aquele relacionado ao uso do termo índio. Como lembrou Caleffi (2003), a palavra expressa uma identidade atribuída aos povos originários em um contexto de invasão europeia. Os colonizadores passaram a chamar de índios, de forma indistinta, culturas muito diferentes, conformando uma identidade homogeneizante que classifica variados grupos sociais a partir de uma “cultura ocidentalista que sempre buscou categorizar, subalternizar e impor valores pautados no estilo de vida europeu” (ALANO; JESUS, 2019, n/p).

Ainda que saibamos ser o termo índio alvo de críticas por representar a objetificação do outro promovida pelo colonizador e que a expressão cujos povos originários reivindica usar refere-se ao termo indígena por caracterizar “uma categoria de luta e uma identidade que, de atribuída tornou-se politicamente operante, justamente por somar sob uma única classificação grupos étnicos diferenciados, que tiveram nessa soma, sua força aumentada” (RODRIGUES, 2016, p. 138); que, mesmo esse deve ser considerado como parte de uma representação homogênea de um conjunto muito variado de grupos étnicos e sociais; e que, tal solicitação deve ser respeitada sob o princípio da auto-nomeação das coletividades (CALEFFI, 2003); o termo índio será utilizado como base das questões levantadas durante o período de criação de Tupinicópolis, sendo justificado pelo uso da expressão no momento ao qual o enredo fora desenvolvido.

Ainda é digno de nota que, apesar das justas críticas a forma como se dá o uso da expressão índio; precisamos destacar que, no contexto apresentado por Fernando Pinto ela é muito diversa da visão tradicional que boa parte da população brasileira cultiva; em Tupinicópolis, os índios não seriam mais vistos como seres digno de alguns “fiapos de humanidade, dotados de tecnologia rudimentar, morando em pequenos grupos e isolados nas matas e prestes da desaparecer diante do avanço da modernização, cada vez mais inexorável e globalizada” (OLIVEIRA, 1998, p. 7), eles se incorporariam sim ao cenário contemporâneo pautado pela urbanização, não apenas como coadjuvantes ou marginais<sup>3</sup>, e sim como os líderes de uma nova forma de organizar a sociedade urbana cujos valores centrais se darão a partir da miscelânea de vetores de desenvolvimento

---

<sup>3</sup> O termo faz referência aos povos e populações marginalizados por estarem a margem, nas bordas e franjas do centro econômico, social e cultural que comandam os valores hegemônicos na sociedade capitalista que nos envolve.

econômico e social tipicamente capitalistas com a preservação natural das florestas brasileiras e do reforço da cultura indígena quando do contato com os colonizadores. A proposta configura-se como uma “inventiva revisão histórica que imagina uma cidade brasileira moderna, pós-industrial, com características indígenas (BORA, 2013, n/p).

Neste ponto, devemos citar um segundo cuidado com a proposta: ainda que o enredo tenha sido desenvolvido por um carnavalesco reconhecidamente sensível a causa indígena, tendo dedicado 3 desfiles aos povos originários<sup>4</sup>, Tupinicópolis, de certa forma, colabora para reprodução da visão monolítica que marca as representações sociais destes povos. Mesmo sendo uma carnavalização revolucionária dos indígenas, apontando para os riscos da aculturação e da marginalização social através de um viés crítico, partindo de cenas cotidianas da metrópole indígena (do Cabaré da Iara ao Shopping Boitató) visando criar um contraste típico do carnaval, levando a fantasia para uma realidade visível para além dos limites da Passarela do Samba através de metrópoles em que os índios não são vistos, à exceção de alguns nomes de ruas e estátuas de bronze (BORA, 2013). Ainda que a proposta afaste o indígena da lenda do encontro [pacífico] das três raças formadoras da identidade brasileira, a causa indígena é vista sob o manto da unidade, sempre no interior do território brasileiro, como parte dele<sup>5</sup>, o que, de certa forma, poderia servir para a reprodução da visão mitificada no imaginário popular do índio, desconsiderando as diversas variáveis étnicas, culturais e mesmo geográficas associadas aos povos indígenas.

Como conceito, Tupinicópolis seria uma metrópole imaginária, na qual os indígenas estariam em posição totalmente diversa da atual, sendo os grandes protagonistas da construção de verdadeiras tabas de pedra à moda dos grandes arranha-céus espelhados que vemos nas grandes cidades globais (Figura 1). Outra característica marcante dessa urbe fictícia seria a profunda inserção dos nativos tupinicolitanos nas normas e formas de convívio da sociedade ocidental, em que a vida se desenrola cada vez mais sob égide de uma chamada cultura urbana.

---

<sup>4</sup> De acordo com Antan (2017a) além de Tupinicópolis (PINTO, 1987), a trilogia foi composta pelos enredos “Viagem fantástica Pindorama adentro”, desenvolvido em 1973 no Império Serrado e “Como era verde o meu Xingu”, apresentado em 1983, na Mocidade Independente de Padre Miguel.

<sup>5</sup> Em Como era verde o meu Xingu, parte do samba enredo torna clara essa opção de manter a liberdade indígena no interior de um projeto nacional de desenvolvimento do Brasil. Essa questão foi vista tanto nos elementos visuais quanto no samba apresentado pela escola. No desfile, a alegoria “pede passagem” expunha os seguintes dizeres: G.R.E.S. Mocidade Independente de Padre Miguel pede passagem e abraça o índio brasileiro. No samba, um dos versos mais icônicos da canção solicita que se: “deixe *nossas* matas sempre verdes; deixe *nosso* índio ter seu chão”. O trecho citado expressa um apelo para que a demarcação de terras e a preservação florestal sejam feitas sob o NOSSO manto: o do Brasil.

**Figura 1: Tupinicópolis – a taba de pedra**



Legenda: As imagens selecionadas apresentam uma visão geral de Tupinicópolis. O que vemos aqui são diversos elementos presentes na morfologia urbana contemporânea, em especial o domínio edificado verticalizado, que é tão marcante na paisagem das urbes.

Fonte: GALERIA DO SAMBA, 2019

Isso pode ser avaliado por conta de a proposta seguir uma ordenação de desenvolvimento urbano indígena pautado na demarcação de suas terras, no interior do território brasileiro. A principal mudança seria o reconhecimento de um território onde se constituiria uma espécie de cidade-estado futurista, com indígenas independentes e capazes de se desenvolver de forma autônoma daqueles que outrora os havia subjugado; a diferença, visível durante a apresentação do enredo, é que os indígenas não eram aqueles consolidados no imaginário coletivo. Tais diferenças são tão profundas que Antan (2017b), em sua análise da ideia pensada pelo carnavalesco, acabou por desenvolver uma série de questionamentos pertinentes sobre a natureza da urbe, fundada por Fernando Pinto:

como pode índios terem sua própria cidade? Seria Tupinicópolis o próprio símbolo da vitória anticolonizadora ou o êxito máximo da imposição estrangeira sobre os povos nativos? Que índios são esses que se perderam tanto de si mesmos e foram dominados pelo outro? (ANTAN, 2017b, p. 25).

Dentre as respostas possíveis, a que consideramos relevante apontar, ao menos para que apreendamos o objetivo proposto em nossa análise, é que, apesar de partir de um pressuposto inimaginável para o momento atual, as bases do surgimento e evolução urbana vistos no enredo não significariam, necessariamente, a total autonomia dos nativos aos marcos de desenvolvimento do capitalismo contemporâneo. Nesse sentido, a própria ideia de Tupinicópolis como uma taba de pedra, com uma organização social pautada na industrialização e desenvolvimento urbano nos moldes capitalistas, iria inseri-los em um novo processo de colonização, que seria pautado pela amálgama dos elementos culturais indígenas, com as diretrizes socioculturais oriundas da modernidade eurocentrada, no interior de um desenvolvimento urbano pautado pelas diretrizes capitalistas.

A questão que se coloca para nós é: como e por que Tupinicópolis poderia nos ajudar a compreender a reestruturação social e seus impactos na ordem urbana contemporânea? O que a proposta parece nos indicar é que a incorporação dos moldes societários provenientes da invasão ocidental teria chegado a um ponto de não retorno, de maneira que Antan (2017b), ao analisar o enredo, observa que, se considerarmos os padrões hegemonicamente concebidos, os tupinicolitanos não seriam mais índios, pois usariam produtos como Rolex, óculos escuros e malas 007. A essa questão, o próprio carnavalesco trabalha bem ao afirmar que essa cidade se consolida em um cenário pós-indígena e retro-futurista. Essa mistura quase antropofágica entre os elementos considerados tradicionais dos povos nativos com as diretrizes contemporâneas da sociedade urbana é a principal marca da ideia e o que denota a complexidade dessa criação, visto que, apesar de ser uma obra assumidamente ficcional, é elaborada a partir da fusão de inúmeras estruturas de representação perceptíveis na dinâmica social passada e presente, e, a partir delas, projetando uma organização social futura, pensada como uma realidade processual, constantemente aberta a construção e reconstrução.

Julgar possível a realização de Tupinicópolis significaria assumir que, em certa medida, mesmo em um futuro pautado pela conquista indígena do direito ao justo reconhecimento da soberania sobre suas áreas demarcadas, o uso que tais povos darão a elas dificilmente será aquele

visto durante os primórdios da colonização, já que o conteúdo contemporâneo das comunidades indígenas seria, em geral, marcado pela difusão entre seus membros, de diversos vetores originários da modernidade ocidental, baseados, em grande medida, no estilo de vida urbano. É justamente essa difusão da lógica da vida urbana que nos permite ver nessa cidade pretensamente fictícia uma alegoria perfeita para ilustrar o fenômeno urbano contemporâneo.

## **2 TUPINICÓPOLIS E A IDEIA DE URBANIZAÇÃO COMPLETA DA SOCIEDADE**

Quando Lefebvre inicia a escrita de sua obra *Revolução Urbana* (2002), insere logo na primeira frase de seu texto que sua hipótese central seria a constituição de um caminho de análise que nos levaria a urbanização completa da sociedade. De acordo com sua proposta, o processo de urbanização levou, de certa forma, ao conjunto dos seres humanos, uma organização social pautada pelo modo de vida urbano, que chegara, a partir de então, a um ponto de não retorno, trazendo a problemática urbana para o centro da análise do desenvolvimento social contemporâneo. Segundo ele, a hipótese da consolidação de uma sociedade urbana designaria, naquele momento, “[...] mais que um fato consumado, a tendência, a orientação, a virtualidade [...], ou seja, um objeto possível [...] com argumentos e provas a seu favor” (LEFEBRE, 2002, p. 16) já abundantes, o que denotaria estar em curso um processo materialização de suas bases.

É claro que utilizar a proposta de urbanização completa da sociedade tem um conteúdo, para o Brasil, diverso daquele observado por Lefebvre (2002), um pesquisador de base europeia, em que a difusão dos valores urbanos é mais clara; em nosso caso, a avaliação da revolução urbana requer cuidados adicionais, uma vez que a urbanização segue o padrão de desenvolvimento social que, sob a égide do capitalismo como motor de uma ordem que, ao mesmo tempo que tende a ser hegemônica, se dissemina de forma diversa para cada parte do planeta, de acordo com o nível de centralidade de cada ponto, na teia de estruturação global de seu funcionamento.

Outro cuidado também importante refere-se a determinar com a maior precisão possível em quais pontos a proposta de avaliar Tupinicópolis pode ser referenciada em sua forma e/ou mesmo no conteúdo da urbanização contemporânea. Isso não pode ser delimitado apenas pela destituição pura e simples dos valores indígenas, visto ser essa uma marca histórica dos processos de ocupação e contato dos europeus com os nativos das terras hoje consideradas brasileiras. É preciso encontrar,

no interior desse histórico, os elementos que nos autorizam a dizer que algo agora é diferente, seja pela intensidade dos processos, seja na própria amálgama de costumes que geram uma organização híbrida, mas ainda sob o domínio das metrópoles ocidentais do centro capitalista.

Por fim, ainda é preciso lembrar que estamos promovendo uma análise sobre aspectos reais da organização social espacializada, materializados ou consolidados no cotidiano da coletividade, tendo como base uma proposta que se pretendia fantasiosa (quem sabe utópica?). Sendo assim, cuidados adicionais precisam ser levados em conta, visto que, como não pretendemos construir outra fábula, e sim trabalhar para que os elementos ficcionais nos auxiliem a suscitar discussões relevantes para a compreensão da dinâmica espacial contemporânea, acreditamos ser muito importante ter especial atenção com a discussão acerca dos pontos de contato entre a ficção e a realidade.

Ao conceber Tupinicópolis, Fernando Pinto trabalha em uma estrutura diversa da visão tradicional do indígena, algo perceptível em diversas passagens da sinopse do enredo, que primeiro explica que Tupinicópolis, enquanto forma, é resultado de um processo (que imaginamos ter sido longo) de reorganização dos povos indígenas com a constituição de um grande coletivo de diversas matrizes étnicas, que, em dado momento, decidiram acomodar-se politicamente a partir de uma grande nação índia. Mais que forma urbana, Tupinicópolis seria resultado do tupiniquismo, que “[...] traduzir[ia] uma filosofia típica nacional”, simbolizando “tudo que é ou passa a ser tupiniquim” (PINTO, 1987), ou seja, o ato de *tupinicopolizar*, os elementos provenientes de outros grupos sociais, denotaria a incorporação de diversos vetores modernos, de base inicialmente eurocêntricos, que passariam a fazer parte do cotidiano dessa cultura, vista ela mesma como pós-indígena. Apesar de projetada para um futuro distante, vê-se naquela pseudourbe alguns elementos de ligação da mesma com as cidade-estado da chamada antiguidade clássica, a saber: a noção de ligação entre diversos povos indígenas para a composição de uma grande organização social urbana, que se materializa em Tupinicópolis, guarda relação com as noções de *simpolitia* e *sinecismo*, apresentadas por Cardoso (1993) como as nomenclaturas utilizadas pelos gregos para simbolizar a união de diversas coletividades para formar outras maiores, processo genético de diversas cidades-estados antigas; decorrente desse processo, vemos ainda, como elemento passível de comparação entre Tupinicópolis e algumas organizações sociais da antiguidade, a ideia de Estado centrado na cidade. Por mais que se percebesse a cidade-estado como elemento característico da organização social da Grécia antiga, Austin e Vidal-Naquet (1986) observaram

que, além da *polis*, formaram-se, em algumas áreas, estruturas que chamaram de *ethnos*, caracterizadas pela consolidação de Estados, não raras vezes, desprovidos de qualquer centro urbano.

No caso de Tupinicópolis, mesmo sendo originária da estrutura territorial decorrente da colonização, parece-nos razoável avaliarmos que, após a concretização da demarcação de suas terras, no interior do Brasil, tais povos uniram-se e formaram uma espécie de cidade-estado do terceiro milênio, marcada pela independência e soberania com relação ao entorno, aproximando-se da noção clássica da *polis* que, gravitando sob um núcleo urbano, caracterizava-se pela composição de “associações políticas independentes e soberanas interna e externamente” (AUSTIN; VIDAL-NAQUET, 1986, p. 50). Essa soberania poderia ainda ser ilustrada pela presença de organizações militares e de poder específicas, que em Tupinicópolis apareciam na representação da Tupioca dos Poderes, consolidadas em instituições militares, chamadas de Tatu Guerreiro, Marreco Bélico e Gaviavião.

A ligação proposta aqui se vincula menos à ideia de Tupinicópolis enquanto um espaço morfologicamente semelhante a qualquer outra cidade moderna, sendo mais uma referência aos

[...] impactos mais amplos dos processos de urbanização que estão se desdobrando para além dos grandes centros de aglomeração, inclusive nas zonas de extração de recursos naturais, de produção agroindustrial, de silvicultura e pastagens, de infraestrutura de logística e comunicações, de turismo, de descarte de lixo e serviços ecossistêmicos, que, muitas das vezes, perpassam locais periféricos, remotos e supostamente “rurais” ou “selvagens” (BRENNER, 2018, p. 244).

Tupinicópolis seria um desdobramento da ordem processual do fenômeno urbano, que, ao mesmo tempo que se associa a forma cidade, se descola dela, conectando-se também ao cotidiano daquela sociedade, ainda antes da configuração espacial da forma urbana materializada na fictícia metrópole tupiniquim. Vejamos o exemplo da Boate Saci (Figura 2). Se avaliada como forma urbana, uma boate será vista como um fixo comum nas grandes cidades; mas, para o caso apontado aqui, ela representa muito mais que isso: estamos falando de índios que passaram a incluir em seu cotidiano o lazer em casas noturnas, nas quais a música e a dança variam entre o punk-rock e a música eletrônica. A própria reprodução da casa noturna em forma de carro alegórico representa essa transposição dos valores tipicamente urbanos de lazer para o cotidiano indígena, ao inserir, em um quadro, a imagem de um momento de caça. Pensando na alegoria carnavalesca, poderia ser

uma forma de preservar os valores tradicionais “puros” de outrora.

A chave para compreendermos a relação proposta aqui está na avaliação da escala temporal proposta por Lefebvre (2002) e aquela selecionada por Fernando Pinto, cujo elemento de ligação central, ao menos para os objetivos deste artigo, está na proposta de demarcação e exploração capitalista dos recursos naturais das terras indígenas.

A partir do momento em que se assume socialmente a validade do confinamento dos indígenas em partes específicas de seu espaço cotidiano, ou em que diversas camadas de movimentos indigenistas ou alguns povos considerados nativos lutam por esse direito, está estabelecida a ordem lógica hegemônica enquanto único caminho viável para a manutenção de algum elemento característico do cotidiano daqueles povos. A partir de então, tais áreas passam a ter “[...] os ritmos de desenvolvimento e ecologias políticas [...] cada vez mais cadenciados com os próprios ritmos dos principais centros urbanos através das divisões globais dos circuitos trabalhistas e financeiros” (BRENNER, 2018, p. 245), estando aqueles espaços fadados à incorporação à ordem capitalista pautada na sociedade urbana, que, segundo Lefebvre (2002, p. 15), seria aquela “que nasce da industrialização”.

**Figura 2: Boate Saci**



Legenda: A Boate Saci foi apresentada como uma casa de shows onde pessoas com vestes indígenas se divertem em uma pista de dança moderna, andando de patins e travestidos com cocar punk. Curiosa é a reprodução de uma área de caça em um quadro, o que pode revelar uma comparação entre o lazer indígena tido como tradicional e o lazer tupinicolizado, ou seja, após a incorporação dos valores culturais oriundos da modernidade capitalista.

Fonte: O GLOBO, 1989

Na proposta de Pinto (1987), Tupinicópolis também nasce a partir da industrialização enquanto resultado da exploração, ao que tudo indica intensiva, dos recursos naturais tupiniquins. A morfologia tipicamente urbana apresentada durante o desfile poderia ser avaliada enquanto resultado de uma dinâmica processual que inseriu as terras indígenas no grupo de paisagens operacionais de suporte ao desenvolvimento capitalista, comumente associadas a “[...] estratégias de planejamento territorial, muitas das vezes coordenados de modo transnacional” (BRENNER, 2018, p. 245).

Se tivermos em mente que a fictícia Tupinicópolis seria um dos resultados diretos de um passado marcado pela demarcação de terras e exploração dos recursos naturais para a consolidação de uma sociedade tupiniquim – que, se de um lado, tem como proposta a expulsão dos colonizadores das novas terras, por outro, incorpora os valores dos outrora algozes, justamente por meio da exploração intensiva dos recursos naturais, com posterior industrialização e consolidação de um cotidiano plenamente urbano –, na prática, vemos aí uma alegoria perfeita (ainda que sutil) da conformação da noção lefebvriana de generalização de uma problemática urbana, que, espraiando-se e tendendo a dominação de uma ordem social mundializada, subverte noções tradicionais relacionadas a áreas rurais, naturais e mesmo das cidades, em um movimento que desencadearia uma prática urbana hegemônica, uma realidade “que se afirma e se confirma como dominante” (LEFEBVRE, 2002, p. 27). Nesse sentido, a proposta de uma metrópole indígena não se configuraria como um movimento por independência dos povos nativos, mas sim sua conformação a lógica de uma “[...] urbanização planetária [que] intensifica de forma desigual a interdependência, a diferenciação e a polarização entre os lugares” (BRENNER, 2018, p. 240).

A ordem processual associada à demarcação e à descoberta de “[...] riquezas naturais infinitas, que foram comercializadas e industrializadas pelos próprios índios” (PINTO, 1987), teve como resultado uma estrutura social assentada na modernidade industrial e na troca mercantil em diversas escalas, o que ocasionou, em momento posterior, a própria metamorfose das formas espaciais presentes naquelas áreas; primeiro com o crescimento e adensamento populacional característico da morfologia urbana, depois com a própria reconfiguração das estruturas de suporte a produção do espaço, com “as ocas [que] se multiplicaram e as tabas [que] se agigantaram” (*Ibidem*).

Estamos falando justamente desse avanço global de uma ordem social hegemônica pelo

cotidiano urbano, que Lefebvre (2002) via enquanto tendência e que Brenner (2018, p. 248) avaliou enquanto parte de um processo de urbanização extensiva, o qual se baseia na “[...] produção e reorganização permanente de paisagens operacionais [de suporte a ordem hegemônica] cada vez mais vastas”. Pensando em um futuro muito à frente, conforme se propõe Fernando Pinto na concepção de Tupinicópolis, tal ordem se consolidaria plenamente.

No caminho dessa consolidação, as terras indígenas demarcadas seriam um reflexo de sua configuração enquanto paisagens operacionais da ordem hegemônica, que serviriam a diversos objetivos de suporte a acumulação capitalista, que, de acordo com Brenner (2018, p. 240), se prestariam a oferecer sustentação a vida urbana

[...] incluindo a extração de recursos, a geração de combustível e energia, a produção agroindustrial e apropriação de biomassa, o transporte e as comunicações, assim como o abastecimento de água, o descarte de resíduos, entre outras práticas de gestão ambiental.

No limite, poderíamos considerar esse processo de gênese, evolução e consolidação da metrópole tupiniquim enquanto uma forma de ilustrar a estrutura urbana contemporânea, muito pautada na dinâmica relacional entre a urbanização extensiva e a intensiva, pois o que veremos nessa fábula é a transposição de uma paisagem operacional para uma área plenamente vinculada à concretização de uma metrópole sob a morfologia característica das cidades modernas, mas também marcada pelas dinâmicas próprias do perfil difusor dos parâmetros de gestão e controle territorial que caracterizam as metrópoles globais. Neste sentido, podemos pensar que Tupinicópolis se caracteriza enquanto tal, pois consegue expandir os valores de uma cultura tupiniquim com poder de falar ao mundo por meio das diversas manifestações socioculturais vistas no cotidiano daquela cidade.

O que nos chama a atenção nessa fórmula de organização social é que não há em Tupinicópolis nenhuma menção direta a um anticapitalismo; em certa medida, há mesmo uma celebração das supostas maravilhas modernas propostas pela industrialização e pela urbanização. A crítica concentra-se muito mais no fato de serem os potenciais benefícios (capitalistas) dessa relação entre ocidentais/ocidentalizados e indígenas, concentrados nos primeiros. A solução seria pensar em uma incorporação dos valores sociais do cotidiano urbano pelos próprios indígenas, trazendo a eles os lucros das práticas econômicas decorrentes daí, mas os obrigando a explorar suas terras e comercializar no mercado global os elementos naturais provenientes delas. Esse contexto

denota uma organização social em que não haveria qualquer negação do fenômeno urbano enquanto elemento central para a explicação do motor unificado da sociedade contemporânea.

A pretensão de construirmos uma sociedade tupiniquim que incorpore os elementos cotidianos da cidade capitalista liga-se mais a uma modalidade característica da urbanização, que se concretiza como uma entrada específica dos indígenas na sociedade resultante da revolução urbana, que a uma revolução estrutural da coletividade. O próprio Lefebvre (2002, p. 28) já nos alertava sobre a dependência que esse processo tem “das características da sociedade considerada no curso da industrialização”.

### **3 TUPINICÓPOLIS: A METRÓPOLE INDÍGENA DO TERCEIRO MILÊNIO E A METROPOLIZAÇÃO DO ESPAÇO**

Um dos caminhos de análise mais promissores acerca da consolidação da sociedade urbana pode ser percebido através do estudo da capacidade de difusão que as manifestações culturais típicas das cidades têm de se expandirem em direção ao conjunto dos lugares. Veremos que uma das características marcantes da ordem social contemporânea é o “[...] comportamento social pautado por um modo de ser que emana da metrópole e invade [por exemplo] o campo” (LENCIONI, 2015, p. 8), mas não só, uma vez que “[...] os padrões de comportamento, signos e hábitos metropolitanos veiculados pelas redes de comunicações chegam a todos os lugares” (*Ibidem*). Sob a lógica da metropolização do espaço, diversos povos, não necessariamente fixados em cidades,

[...] reproduzem hábitos e valores metropolitanos, veiculados pela televisão [...] e submetem-se progressivamente a uma sociedade de consumo, experimentando signos que apreendem como modernos e contemporâneos, mesclando o tradicional modo de vida com o novo (LENCIONI, 2015, p. 8).

A noção de mescla de estruturas sociais ditas tradicionais dos povos indígenas com o cotidiano urbano contemporâneo é ponto central na trama que envolve a construção de Tupinicópolis, que seria um exemplo bem-acabado da “[...] produção de um modo de viver e de consumo que se espelha no perfil da metrópole” (FERREIRA; RUA; MATTOS, 2014, p. 479) capitalista de base eurocêntrica, tendo como utopia a consolidação de uma metrópole plena nas

terras indígenas e com o centro de poder dominado pelos nativos.

Se considerarmos que provém delas [as metrópoles] as bases de comando da economia contemporânea, a utopia proposta por Fernando Pinto é, de certa forma, revolucionária, ao propor que “[...] a cultura Tupiniquim *fale* para o mundo via Tupinicópolis” (PINTO, 1987). Essa manifestação global via metrópole imaginada pelo artista colocaria os indígenas enquanto difusores globais dos parâmetros societários daquele momento histórico imaginado por ele, além de vislumbrar uma reorganização mundial nos polos principais de poder político e econômico, trazendo a periferia para o centro do processo.

Tal questão é ilustrada, em especial, pela capacidade que o artista teve de propor marcas *tupiniquizadas*, em substituição aos produtos e serviços hoje etiquetados com nomes provenientes do centro do capitalismo. Pensemos, por exemplo, que, no lugar da Apple, Google, Microsoft e Amazon (empresas de tecnologia que estão entre as mais poderosas do mundo, tendo no próprio nome uma indicação de sua origem), o controle dos serviços tecnológicos estivessem a cargo da Tupi-Informática, empresa sediada em Tupinicópolis, mas com atuação certamente global, que teria capacidade de comandar diversas diretrizes do cotidiano através de inteligência artificial. Isso diverge pouco do que as supracitadas corporações fazem no cotidiano da sociedade global, mas, em Tupinicópolis, o resultado dessa ligação com as tecnologias de informática seria controlado pelos interesses dos próprios tupinicolitanos, levando-nos a crer que, como eles adquiririam capacidade de falar ao mundo por meio de seus valores, eles mesmos teriam o poder de ação transescalar que hoje têm as empresas globais sediadas e associadas a países chamados de centrais.

Um dos grandes pontos de conexão entre a formulação teórica associada à urbanização difusa, pautada pelos parâmetros da metropolização do espaço, está relacionado à instrumentalização dos hábitos sociais cotidianos pela ordem social proposta/imposta a partir da metrópole enquanto centro difusor de padrões de consumo e comportamento, “[...] alterando profundamente a cultura mercantil, que [passa] ating[ir] todas as esferas da vida” (FERREIRA; RUA; MATTOS, 2014, p. 484).

Como analisamos Tupinicópolis enquanto resultado de uma dinâmica processual que gerou, em algum ponto futuro, a concretização de uma metropolização índia visível nas formas urbanas, estamos nos propondo a estabelecer que, antes dessa estruturação das formas urbanas características da metrópole moderna, houve um caminho de construção de um novo “*hábitus*” para esses povos, através da incorporação de seus territórios enquanto paisagens operacionais da lógica

urbana global e da introjeção de diversos vetores de organização coletiva e percepção individual sobre os atos e fatos do cotidiano. Assim, “[...] os hábitos culturais e os valores urbanos típicos da metrópole se difund[iram] para além dela, chegando a todo o espaço, territorializado na mercadificação generalizada” (FERREIRA; RUA; MATTOS, 2014, p. 484), por isso Tupinicópolis é um paraíso do consumo, oferecendo todas as “maravilhas modernas” para o conforto e satisfação daqueles que lá estivessem. Do Shopping Boitató, passando pelo Cassino Eldorado e chegando ao Bordel da Uiara, o consumo de diversos produtos e serviços é visível como um dos pontos de destaque da construção da narrativa.

A dinâmica processual da organização da pseudocidade, claramente perceptível no trecho apresentado como preâmbulo deste estudo: “e a oca virou taba, a taba virou metrópole, eis aqui a grande Tupinicópolis” (GIBI *et al.*, 1986), leva-nos a inferir que, ainda antes da construção das formas urbanas, os processos sociais que as engendraram sugeririam essa difusão e introjeção dos valores tipicamente urbanos ao cotidiano indígena, conforme podemos perceber na Figura 3, cujos tupinicopolitanos estão com vestimentas que ilustram justamente essa mescla de valores citada por Lencioni (2015).

Se considerarmos que “[...] o conceito de metropolização do espaço é introduzido como expressão maior, em termos de escala, do lugar aberto a interações com o externo, portanto não xenófobo” (FERREIRA; RUA; MATTOS, 2014, p. 493), Tupinicópolis, enquanto proposta “[...] dotada de várias camadas de significações mais densas, deixando no ar uma profundidade a ser revelada” (ANTAN, 2017b, p. 42), poderia ser avaliada enquanto um resultado possível desse processo de metropolização que tem “[...] como apoio uma grande metrópole que imprime seu ritmo a esse espaço, em negociação com os ritmos dos lugares” (FERREIRA; RUA; MATTOS, 2014, p. 493). Essa negociação contínua, processual denota avaliarmos a dinâmica social espacializada proveniente da urbanização completa da sociedade e, em especial, da metropolização do espaço, como um “espaço aberto, multiescalar, com interações a desabrochar, dinâmico, portanto”, (*Ibidem*).

**Figura 3: Indígenas ostentando seu Tupi Look e seu poder econômico com suas Kawasaki**



Legenda: Não é preciso viver na cidade para se vestir de determinada maneira ou consumir um produto como uma moto; basta que os vetores de valorização coletiva desses costumes cheguem a todos os pontos do globo. É justamente a análise dessa disseminação global de valores fundados no modo de vida da urbe que propõe a hipótese da revolução urbana e de sua consolidação através dos aportes teóricos associados a metropolização do espaço.

Fonte: MIGÃO, 2010

A utopia proposta por Tupinicópolis seria uma resposta ao contato distópico promovido pela incorporação compulsória e marginal dos indígenas à modernidade europeia, pois se propõe a consolidar sua ordem social “[...] dando como resposta final para o problema colonial a expulsão do colonizador, após sua absorção antropofágica” (ANTAN, 2017b, p. 40). Nessa absorção, sobram os valores sociais urbanos modernos que ditam diversos vetores da cultura tupiniquim, apresentadas na parte final da sinopse do enredo, destacando “[...] o dever, o lazer, o prazer dos tupinicopolitanos. E o lixo. A arte indígena brasileira é revisitada e revivida na estética pós-Marajoara Tupinicopolitana. A moda é o Tupi Look. É a Era do Tupi Power” (PINTO, 1987).

A era do Tupi Power não seria marcada pela dissolução da realidade distópica do mundo contemporâneo, mas pela inversão dos polos de hegemonia; por isso vemos em Tupinicópolis uma ordem social ainda pautada em diversas manifestações individuais e coletivas sujeitas a críticas, cujo exemplo mais concreto seria a mercantilização exacerbada da vida cotidiana dos

tupinicolitanos, incluídos aí serviços de valor ético questionável, a exemplo da exploração sexual, que pelo nome proposto ao prostíbulo (Bordel da Uiara) se basearia, principalmente, no consumo dos corpos femininos.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A título de encerramento de nosso trabalho, cremos que seja relevante colocar algumas observações sobre as conexões forjadas durante o percurso do texto: (a) como fruto da demarcação das terras indígenas, Tupinicolópolis é, de certa forma, a consolidação de uma relação colônia-metrópole, vista enquanto resultado do domínio europeu sobre o continente americano, gerando, como consequência do processo a necessidade de se confinar os nativos em fragmentos do território brasileiro e a exploração mercantil de riquezas naturais proposta pelos próprios indígenas, mas associada a um mercado global, o que nos leva à inferência de uma espécie de integração de noções de desenvolvimento, uso de recursos naturais e modo de vida dos indígenas ao modelo econômico capitalista, calcado na globalização; o que talvez explique a avaliação do carnavalesco, de ser Tupinicolópolis uma ficção científica pós-indígena; (b) o enredo pode ser visto como um verdadeiro passeio entre a própria mudança de uso do termo metrópole, passando de uma relação colonial para a ligação do termo com os centros de organização da sociedade urbana; (c) a ideia de Tupinicolópolis como uma espécie de nação indígena calcada na modernidade urbana ocidental aponta, também, para a ideia de metropolização do espaço. Isso porque a consolidação de uma metrópole com esse perfil denota claramente a difusão dos valores sociais provenientes das cidades capitalistas para o conjunto da humanidade. Ainda que a proposta, ao fim e ao cabo, seja a própria descolonização (ou desmetropolização) da cultura indígena e de seu território, esse processo se dá sobre a égide da difusão dos valores tipicamente urbanos-metropolitanos. Por isso, essa desmetropolização se confunde com a metropolização em sentido amplo, pois é fruto de uma incorporação dos valores do urbanismo ocidental por parte indígenas.

Cremos que a ideia apresentada tenha mais lacunas que respostas ou soluções para a melhor compreensão do fenômeno urbano contemporâneo, e nem foi essa a proposta. Por conta da limitação de extensão do texto, não nos permitimos traçar nada além de um ensaio composto por uma visão panorâmica e pouco profunda acerca da relação que buscamos fazer entre as noções de

urbanização completa da sociedade, de metropolização (do espaço) e da alegoria de uma metrópole indígena futurista, mas totalmente baseada no perfil atual, não somente da morfologia de uma cidade moderna, mas especialmente do conteúdo tendente ao global do fenômeno urbano-metropolitano.

Além do caminho proposta aqui, a alegoria de Tupinicópolis ainda nos oferece a oportunidade de analisar as implicações geográficas da profunda ligação do carnavalesco Fernando Pinto com as ideias tropicalistas; um movimento que trabalhou no limiar do encontro entre culturas, considerando importantes a mistura e a incorporação de diversas matizes culturais pela cultura brasileira, como forma de preservá-la.

## 5 REFERÊNCIAS

- ALANO, A. P. P. de O.; JESUS, E. L. de. Identidades impostas, assumidas e reivindicadas: estudos exploratórios sobre comunidades tradicionais. In: ENCONTRO DE ESTUDOS MULTIDISCIPLINARES EM CULTURA. XV, 2019, Salvador. **Anais Eletrônicos do VX Enecult**. Salvador – BA: UFBA, 2019. n.p. Disponível em: <http://www.xvenecult.ufba.br/modulos/submissao/Upload-484/112428.pdf>. Acesso em: 27 maio 2023.
- ANTAN, L. dos S. Fernando Pinto maravilha: um ziriguidum tropicalista. **Revista Desvio**: Escola de Belas Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, v. 2, n. 2, p. 139-147, 2017a. Disponível em: <[https://revistadesvioblog.files.wordpress.com/2017/11/desvio\\_3\\_artigo\\_leonardo1.pdf](https://revistadesvioblog.files.wordpress.com/2017/11/desvio_3_artigo_leonardo1.pdf)>. Acesso em: 13 out. 2020.
- ANTAN, L. dos S. **Reis e Pinto**: as linguagens marginais nos desfiles das escolas de samba dos anos 1980. 2017b. 81 f. Monografia (Graduação em História da Arte) – Instituto de Artes, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017b. Disponível em: <[https://issuu.com/marcelooreilly/docs/1467-leonardoantan?fbclid=IwAR1Ese4qkSwVDsLmTQ6TX4YEM-Han1YshTLuP\\_mJGTg87rPZIGyXRqZCiWc](https://issuu.com/marcelooreilly/docs/1467-leonardoantan?fbclid=IwAR1Ese4qkSwVDsLmTQ6TX4YEM-Han1YshTLuP_mJGTg87rPZIGyXRqZCiWc)>. Acesso em: 18 out. 2020.
- AUSTIN, M.; VIDAL-NAQUET, P. **Economia e Sociedade na Grécia Antiga**. Lisboa: Edições 70, 1986. 363 p.

BORA, L. A. Entre bons e maus selvagens: a representação do Índio no Carnaval brasileiro. **Textos Escolhidos de Cultura e Arte Populares**, online, v. 10, n. 2, 2013. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/tecap/article/view/10219/8003>. Acesso em: 28 maio 2023.

BRENNER, N. Revolução urbana? Espaços da urbanização. In: BRENNER, N. **O urbano a partir da teoria crítica**. Rio de Janeiro: Observatório das Metrópoles/Letra Capital, 2018. p.233-260.

CALEFFI, P. "O que é ser índio hoje?" A questão indígena na América Latina/Brasil no início do século XXI. *Diálogos Latinoamericanos*, Aarhus, n. 7, p. 20-42, 2003. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/162/16200702.pdf>. Acesso em: 27 maio 2023.

CARDOSO, C. F. S. **A cidade-Estado antiga**. São Paulo: Ática, 1993.

COSGROVE, D. A geografia está em toda parte. Cultura e simbolismo nas paisagens humanas. In: CORRÊA, R.L.; ROSENDAHL, Z. (orgs.). **Paisagem, tempo e cultura**, EdUERJ, Rio de Janeiro, 1998. p. 92-123.

FERREIRA, A.; RUA, J.; MATTOS, R. C. Metropolização do espaço, gestão territorial e relações urbano-rurais: algumas interações possíveis. **Geo UERJ**, Rio de Janeiro. n. 25, v. 2, p. 477-504, 2014. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/geouerj/article/view/14408/10994>. Acesso em: 18 out. 2020.

GALERIA DO SAMBA. **Mocidade 1987 (Tupinicópolis)**: Fórum Espaço Aberto, 2019. Disponível em: <https://www.galeriadosamba.com.br/espaco-aberto/topico/mocidade-1987-tupinicopolis/238292/>. Acesso em: 20 out. 2020.

GIBI; CABELEIRA, C.; BATERA, N. MUINHOS, J. **TUPINICÓPOLIS**. Rio de Janeiro: Grêmio Recreativo Escola de Samba Mocidade Independente de Padre Miguel: 1987: 210 min. Disponível em: <https://galeriadosamba.com.br/escolas-de-samba/mocidade-independente-de-padre-miguel/1987/>. Acesso em: 10 out. 2020.

HAESBAERT, R. Território, poesia e identidade. **Espaço e Cultura**, UERJ, Rio de Janeiro, n. 3, p. 20-32, 1997. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/espacoecultura/article/view/6708>. Acesso em: 28 out. 2020.

LEFEBVRE, H. **A revolução urbana**. 1ª reimpressão. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 2002.

LENCIONI, S. **Urbanização difusa e a constituição de megarregiões**: o caso de São Paulo-Rio de Janeiro. e-metropolis, Rio de Janeiro, v. 6, n. 22, p. 6-15, 2015. Disponível em: <<http://emetropolis.net/artigo/167?name=urbanizacao-difusa-e-a-constituicao-de-megarregioes-o-caso-de-sao-paulo-rio-de-janeiro>>. Acesso em: 10 out. 2020.

MENEGHETTI, F. K. O que é um ensaio-teórico? **Revista de administração contemporânea**, v. 15, p. 320-332, 2011. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rac/a/4mNCY5D6rmRDPWXtrQQMyGN/?lang=pt>>. Acesso em: 28 maio 2023.

MIGÃO, Pedro. **Samba de Terça**: "tupinicópolis". "Tupinicópolis". 2010. Disponível em: <<https://www.pedromigao.com.br/ourodetolo/2010/11/samba-de-terca-tupinicopolis/>>. Acesso em: 10 out. 2020.

OLIVEIRA, J. P. de (org.). **Indigenismo e territorialização**: poderes, rotinas e saberes coloniais no Brasil contemporâneo. Rio de Janeiro: Contra Capa, 1998.

O GLOBO. **OS CARNAVAIS DE FERNANDO PINTO**. 1989. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/acervo/#>. Acesso em: 06 out. 2020.

PAVIANI, J.. O ensaio como gênero textual. In: V SIGET: SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS DE GÊNEROS TEXTUAIS - O ENSINO EM FOCO, 5., 2009, Caxias do Sul. **Anais [...]**. Caxias do Sul: O Ensino em Foco, 2009. p. 1-6. Disponível em: [https://www.escrevendoofuturo.org.br/EscrevendoFuturo/arquivos/65/o\\_ensaio\\_como\\_genero\\_textual.pdf](https://www.escrevendoofuturo.org.br/EscrevendoFuturo/arquivos/65/o_ensaio_como_genero_textual.pdf). Acesso em: 28 out. 2022.

PINTO, Fernando. **Tupinicópolis**, 1987, Sinopse do Enredo da Mocidade Independente de Padre Miguel para o carnaval de 1987. Disponível em: <https://galeriadosamba.com.br/escolas-de-samba/mocidade-independente-de-padre-miguel/1987>. Acesso em: 3 de out. 2020.

RODRIGUES, C. R. **O ensino de história indígena e os apontamentos sobre a diversidade étnico-cultural**. Revista Práxis, v. 2, p. 137-146, 2016. Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/5255/525553724010/525553724010.pdf>. Acesso em: 27 maio 2023.

SILVEIRA, R. C. P. da. **Uma contribuição para o estudo do ensaio científico avaliativo.** Letras, [S. l.], n. 2, p. 33–42, 1991. DOI: 10.5902/2176148511410. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/letras/article/view/11410>. Acesso em: 28 maio. 2023.

## 6 ANEXOS

### **ANEXO A: Sinopse do Enredo Tupinicipolis – Mocidade Independente de Padre Miguel (1987)**

O enredo Tupinicipolis tem no reaproveitamento da cultura da civilização indígena brasileira seu principal objetivo e conteúdo. Utiliza o termo tupiniquim não somente para designar uma tribo, como também como um coletivo indígena e principalmente para traduzir uma filosofia típica nacional; o Tupiniquismo: De tudo que é ou passa a ser tupiniquim. Do ato de Tupiniquizar. Tupinicipolizar.

Tupinicipolis, o carnaval, é a visualização de uma grande metrópole indígena. Tupinicipolis, a taba de pedra. É um carnaval de ficção científica tupiniquim, retro-futurista, pós-indígena. O New Eldorado.

Tupinicipolis tem sua pseudo-origem baseada na justa e real demarcação das terras indígenas. Nessas terras, ricas terras, foram descobertas riquezas naturais infinitas, que foram comercializadas e industrializadas pelos próprios índios. E as ocas se multiplicaram, e as tabas se agigantaram, e assim nasceu Tupinicipolis; a lendária cidade índia do Terceiro Milênio.

O desfile segue o cotidiano da cidade. Dia, noite e dia, enfocando o dever, o lazer, o prazer dos tupinicipolitanos. E o lixo.

O carnaval utiliza a forma e linguagem da própria literatura indígena, em que os índios convivem e se relacionam com os animais, conduzindo, assim, o carnaval para uma empostação fabulista que dá mais tropicalismo e brasilidade ao espetáculo.

A arte indígena brasileira é revisitada e revivida na estética pós-Marajoara Tupinicipolitanos. A moda é o Tupi Look. É a Era do Tupi Power. É a cultura Tupiniquim falando para o mundo via Tupinicipolis.

Fonte: Portal Galeria do Samba. Disponível em: <http://www.galeriadosamba.com.br/escolas-de-samba/mocidade-independente-de-padre-miguel/1987/#:~:text=O%20enredo%20Tupinic%C3%B3polis%20tem%20no,seu%20principal%20objetivo%20e%20conte%C3%BAdo.&text=Tupinic%C3%B3polis%2C%20o%20carnaval%2C%20%C3%A9%20a,retro%2Dfuturista%2C%20p%C3%B3s%20ind%C3%ADgena>. Acesso em: 10 out. 2020

## ANEXO B – Samba de Enredo desenvolvido para Tupinicópolis

Compositores

Gibi, Chico Cabeleira, Nino Batera e J. Muinhos

Vejam

Pó de guaraná

Quanta alegria vem aí

É uma cidade a sorrir

No comércio e na indústria

Parece que estou sonhando

No trabalho e na diversão

Com tanta felicidade

**É Tupi amando este chão**

Vendo a Mocidade desfilando

Até o lixo é um luxo

Contagiando a cidade

Quando é real

Tupi Cacique

**E a oca virou taba**

Poder geral

**A taba virou metrópole**

Minha cidade. minha vida, minha canção

**Eis aqui a grande Tupinicópolis**

Faz mais verde meu coração

Boate Saci

**Laiá, laiá, laiá, laiá**

Shopping Boitatá

**Lá, lá laiá, lá, laia, lá**

Chá do Raoni

Fonte: <http://www.galeriadosamba.com.br/escolas-de-samba/mocidade-independente-de-padre-miguel/1987/#:~:text=O%20enredo%20Tupinic%C3%B3polis%20tem%20no,seu%20principal%20objeti vo%20e%20conte%C3%BAdo.&text=Tupinic%C3%B3polis%20o%20carnaval%20%C3%A9%20a,retro%2Dfuturista%20p%C3%B3s%20ind%C3%ADgena>. Acesso em: 10 out. 2020

***Data de recebimento: 10 de abril de 2023.***

***Data de aceite: 11 de maio de 2023.***